

JOAQUINA, FILHA DO TIRADENTES

MARIA MAGALY TRINDADE GONÇALVES*

Na vida real somos, com algumas exceções, estacionários, tendo desse real uma visão limitada pelo próprio estacionamento. Há pessoas cuja atividade implica viagens sistemáticas, mas isso pode, e costuma, significar uma simples movimentação geográfica: a viagem torna-se um hábito de mudança espacial sem que se quebre a estabilidade.

A verdadeira viagem envolve outros conceitos além do de espaço. É o que ocorre em *Joaquina, filha de Tiradentes*, de Maria José de Queiroz romance publicado em São Paulo pela Editora Marco Zero, em 1987. O romance narra as peripécias da filha natural de Tiradentes, após a prisão deste, juntamente com sua mãe, mulher amarga que prenuncia o caráter trágico de Joaquina. As duas, auxiliadas por um negro, amigo de Tiradentes, fogem de Minas e viajam para o norte, até que encontram guarida em determinada fazenda, onde acabam por praticamente integrar a família do proprietário. Lá ficam sabendo da morte de Tiradentes através do negro.

Mesmo revelando suas identidades e a infâmia que paira sobre elas, continuam aceitas pela família que as acolhera, mas a mãe resolve voltar para Minas, algum tempo depois. No caminho de volta Joaquina conhece José Afonso, a quem depois revela quem é. O moço é rico, generoso e, apaixonados os dois, nada pode obstar a felicidade do casal. Joaquina, entretanto, escolhe a pobreza e a humilhação, a vida medíocre e amarga com a mãe, que não lhe tolhe, aparentemente, qualquer escolha, mas que, de maneira sutil, não perde oportunidade de lembrar-lhe a origem.

O romance começa num tempo presente, quando a heroína e sua mãe estão de volta em Minas, onde Joaquina borda, transpõe partituras, enquanto a outra faz doces para vender. Configuram-se, então, dois discursos na narrativa: um, em tipo comum, é o tempo que volta ao passado,

* Docente do Programa.

mas é também o tempo presente **narrado**, onde a heroína luta para sobreviver com suas prendas; o outro é o tempo presente onde as coisas são dramatizadas, mas de forma bem mais premente, **presentificadas**, do que na outra notação (este discurso aparece em *itálico*).

No primeiro discurso não há só o passado das viagens, mas tudo que se refere a Tiradentes, seu fim trágico, seu significado, às vezes incompreensível para Joaquina: por que ele se sacrificou, em detrimento da família, em favor da liberdade de um povo?

Os dois discursos traduzem passado e presente, viagem e estabilidade geográfica. a estabilidade é geográfica, ou espacial, porque, na verdade, a **viagem** persiste nas reflexões presentes de Joaquina. A viagem espacial, poderíamos dizer, fornece o pano de fundo, a matéria narrativa mais formal para o profundo mergulho (viagem) da heroína em sua memória e em seus conflitos. Existe uma viagem, no fundo, de ida e volta pelo espaço, que representa o crescimento físico e interior da personagem, e uma outra (estática no plano geográfico) que traz os resultados do crescimento, o qual, por sua vez, continua no presente da volta.

A viagem espacial configura uma narrativa seca, traço marcante de um foco narrativo maravilhosamente trabalhado e **dramatizado** (nos termos de Henry James). O “refletor” ou “focalizador” (termos já correntes na crítica literária) é Joaquina, e é com ela que o leitor tem de ficar com sua visão filtrada das coisas.

Esta visão, que não é apenas tópica (espacial), aprofunda-se e completa-se e é nesse jogo de **viagens** que se estrutura o romance.

O próprio movimento da primeira viagem fica relativizado embora nada tenha de estático. Ocorre que o corpo (mente) em movimento (no passado) assume periodicamente o olhar de observador a perseguir o movimento, deixando-se levar por ele em passividade aparentemente absoluta. Além disso, a intromissão periódica do momento presente relativiza a posição do observador. E aqui surge novamente o problema da passividade, mas, neste caso, como mera aparência. As anuências, a subserviência mesmo de Joaquina em relação à mãe, à imagem sempre contraditória de seu pai, ou melhor, ao seu relacionamento com a figura dele, são gestos que repetem seu comportamento na viagem espacial. A movimentação interior, contudo, é às vezes extremamente violenta, mais violenta até do que os solavancos das mulas na viagem para o norte e na volta para Minas.

O romance tem como título completo *Joaquina, filha do Tiradentes* e isto é extremamente significativo. Trata-se de um diálogo - viagem em que se entrecrocamos Joaquina, a personagem individualizada, e sua contrapartida, o fato de ser ela a filha do Tiradentes. À primeira, a vida oferece oportunidades de realização pessoal, o casamento por amor, o conforto econômico, a aceitação social. A segunda, entretanto, rechaça tudo isso para aceitar a pobreza, o opróbrio. Embora muitas vezes lance à figura do pai invectivas por ter ele sobreposto o ideal da liberdade de um povo ao bem da família, ela assume, às vezes de maneira até perversa, a carga de ser sua filha. Recusa-se a esconder seu nome e esperar por uma possível redenção futura, preferindo arcar com o ônus da maldição passada e presente.

Se tal decisão não deixa de parecer perversamente autodestrutiva, ela tem, entretanto, um traço inegável de coerência: somente a aceitação do opróbrio oficialmente imposto pode dar a Joaquina o caráter que lhe é, afinal, peculiar, o de ser a filha maldita de um herói. A maldição é parte essencial da condição de (relativa) heroicidade. Essa antítese, resolvida em trágica síntese, aparece, por exemplo, nas páginas iniciais do romance:

Bem que poderia excluir, como qualquer filho ingrato - digno ou infame, que não pedi para nascer. Minha crueldade no entanto, dirigida contra a terra salgada e contra o silêncio de minha mãe, a ninguém mais fere.

Ou, antes, fere, sim. A mim mesma. Não, ele não se sacrificou por mim. Nem por minha mãe. Era um idealista. E, nenhuma de nós - nem ela nem eu, fazíamos parte do seu ideal. Serei injusta? Quem sabe? Talvez ele nos tenha visto da distância e, vendo-nos, nos tenha oferecido a liberdade com que sonhava . .

Menina anônima, sem rosto, sem cor, saí do ventre obscuro de minha mãe sem pedir-lhe licença. Fui vivendo. Fui morrendo. Se escolhi ser sua filha, porque a escolhi agora, é minha, não posso culpá-lo. Ele nos libertou ao abandonar-nos. Entregou-nos ao nosso destino e partiu para cumprir o seu (p. 15).

A referência à tragédia, em certo trecho da obra, é significativa. Isto ocorre quando José Afonso oferece a Joaquina a felicidade e ela a recusa:

-Suas razões apenas me fazem ver que o senhor desconhece que estou, sim, acorrentada à pena do Alferes. Não só eu, sua filha, mas, também, meus filhos - os seus netos e herdeiros. A infâmia lançada sobre ele me atinge também a mim e à minha descendência.

- Isso só acontece na tragédia grega, D. Joaquina ... Estamos no Brasil, na América, no Novo Mundo. Amanhã, o país será livre. E toda essa infâmia, que a senhora parece tomar sobre a cabeça como a cinza dos penitentes, será transformada em glória. Teremos orgulho de proclamar bem alto que somos os pais dos herdeiros do Alferes! (p. 293-294).

O caráter trágico de Joaquina, sua inelutável condição de filha de Tiradentes (e, portanto, herdeira da maldição) são acentuadas, mais, além, nas palavras de José Afonso:

- A sua sentença, D. Joaquina, foi a senhora mesma quem a lavrou. Só o orgulho a impede de ser feliz. Filha de quem é, não lhe agrada viver, amar e sofrer como todos os demais. Ninguém está a exigir-lhe o sacrifício da própria vida. E não salvará a quem quer que seja a forma de heroísmo que pratica. Esqueça, em nome do amor que é filha do Tiradentes.

- Jamais, Senhor José Afonso. O Senhor me pede o impossível (p. 295).

O trecho final do romance, que corresponde ao tempo atualizado, à vivência do momento presentificado, aparece com tipo comum e não itálico. Entende-se isto como a confluência das duas viagens de Joaquina: o termo da viagem espacial e a aceitação definitiva, cabal e absoluta, sem remorsos, de sua condição, o extertor de uma luta interior, sua viagem conturbada para dentro de si mesma. É quando ela aceita a miséria, a decadência mental da mãe e sua paz, a paz de quem não está mais em luta, nem nas trilhas de qualquer viagem.